

Civismo e religiosidade

TARCISIO MEIRELLES PADILHA

Os dias que acabamos de sofrer e que ainda nos atordoam a alma oferecem lições imorredouras para quem quiser compreender que é necessário acreditar na intuição do povo para conduzir os destinos deste País. Aqui dois foram os valores que emergiram com força insuspeitada da tragédia que se abateu sobre a nação brasileira. De um lado, o civismo que, de encabulado pela pregação oficial, ganhou as ruas numa espontaneidade tocante, traduzindo-se nas cores nacionais com que foi saudado o Presidente morto, nas bandeiras e nos hinos com que acompanhamos a nossa própria tristeza, marcando-lhe o ritmo pelo pulsar dos sons que mais de perto dizem do nosso amor à Pátria. De outro, a religiosidade do nosso povo.

O civismo medrou como em terra nativa e esplendeu-se nas ruas e nas praças, nas casas e nos corações de todos os brasileiros em todos os quadrantes da grande Nação. Já se disse que o civismo deixou de ser comprovado apenas nas datas desportivas. Agora, ele emerge da tragédia com a energia dos sentimentos profundamente arraigados, a atestar que o passado rotineiro não o aniquilou, senão que apenas lhe encobriu a face. Um país jovem como o Brasil, com uma população predominantemente em faixas etárias longe da maturidade é confortador verificar o quanto os jovens se manifestaram com raro e poderoso sentimento cívico, a prenunciar dias melhores para o País.

E Tancredo foi o arauto desta transformação, porquanto os jovens são sequiosos de autenticidade e a límpida carreira do grande homem público opulenta pelo inesperado calvário comprovou a assertiva dos gregos de que a tragédia está embutida no homem e pode a qualquer momento eclodir. Os jovens sentiram a pureza cívica de Tancredo e lhe deram apoio irrestrito, a que não faltaram as preces e as lágrimas de todo o povo sorrido que soube captar a força inovadora de Tancredo e a segurança de que suas promessas haveriam de se concretizar em medidas destinadas a minorar os sofrimentos desta grande família brasileira tão ignorada pela tecnocracia auto-suficiente.

Há, porém, um elemento relevante a ser sopesado no episódio rico de lições e de sofrimentos do povo brasileiro. Refiro-me à sua religiosidade.

Sabemos que sincretismo é conatural à formação nacional, por força das etnias que compõem a nacionalidade, desde o seu dealbar. Ao mesmo tempo, não ignoramos a maciça maioria de católicos que moldam o sentir religioso do

brasileiro. Esta densa religiosidade plasmou a represa que desaguou em prantos e em preces e atestou de forma irrefragável a sede de Transcendência que habita a alma deste povo. Nem o consumismo, nem as ideologias materialistas ou pragmáticas conseguiram aniquilar no coração do povo os valores espirituais que lhe dão consistência interior e lhe asseguram a identidade.

Em face de tão inequívoca demonstração de fé cumpre às lideranças abandonar de vez a postura tecnocrática, que tem como pressuposto a primazia absoluta do critério de utilidade em detrimento condenável das considerações humanas.

A História do País registra desde sua aurora a presença marcante da religião. Os jesuítas aqui aportaram e trouxeram as sementes da Boa Nova, de que apenas superficialmente nos afastamos, em virtude da aceleração do tempo histórico encobrir a essência do homem e realçar o que há de extrínseco no plano existencial. A luz do cristianismo alumiu gerações inteiras que agora revelam que a evangelização laboriosa e sofrida não foi em vão, senão que emerge dos egoísmos predatórios da competição desenfreada e suplantada a luta inglória dos valores transitórios.

A religiosidade do povo selou os caminhos políticos da Nova República com a força incoercível e inerte à própria afirmação nacional, pelo que descabem medidas que reiterem as assertivas superadas do primado do econômico e desconsideração pelo homem como realidade pessoal e projeto voltado para a Transcendência.

No horizonte estreito do dia-a-dia, o homem espera a solução de seus legítimos anseios por uma vida digna. No recôndito de seu ser o homem forceja por ser mais e almeja valores transcendentes capazes de saciar sua sede de Absoluto.

Além de suas memoráveis lições de civismo, ficamos a dever a Tancredo Neves a auto-consciência de nossa fé como fator de unidade nacional e reserva ilimitada de generosidade, sem a qual a superação de nossas dificuldades seria tarefa impossível destinada ao fracasso.

Com a fortaleza da fé o Brasil unido vencerá seus desafios e Tancredo repousará em paz pois sua missão terá sido amplamente cumprida enquanto fermento espiritual do novo Brasil.

TARCISIO MEIRELLES PADILHA é Presidente da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos e Diretor-Geral do Instituto Euvaldo Lodi